

# Luvita Hieroglífico: Aula 1





Caio Geraldes

5 de agosto de 2024

## 1 Sistema de escrita



Os hieróglifos anatólicos são um sistema de escrita autóctone da Anatólia utilizado, até onde se sabe, apenas para escrever textos em luvita. O sistema utiliza tanto *logogramas*, i.e. caracteres que denotam uma unidade semântica, quanto *fonogramas*, i.e. caracteres que denotam sons da língua. Há duas variedades principais dos hieróglifos, os de baixo relevo, produzidos com incisões no material de suportes, e os de alto relevo, produzidos desbastando a pedra em volta dos caracteres.<sup>1</sup> As inscrições do período imperial utilizam sinais levemente diferentes dos sinais das inscrições do período neo-hitita e seus escribas tendem a preferir o uso de logogramas em detrimento dos fonogramas.<sup>2</sup>

Parte dos hieróglifos pode ter interpretação tanto de logograma quanto de fonograma e, em alguns casos, a interpretação fonográfica surgiu por *rebus*, isto é, o logograma passou a ser utilizado para indicar parte do som da palavra originalmente denotada por ele, como em (1). Alguns sinais não estabilizaram uma leitura fonográfica quando da escrita das inscrições que nos chegaram e ainda, por vezes, são lidos como *rebus*, como em (2).

- (1) a. L.66 DARE  = *pi(ya)*- ‘dar’ → /pi/  
b. L.509 (=L.329) CURRERE  /  = *hwi(ya)*- ‘correr’ → /hwi/  
(2) L.13 PRAE  = *pari* / *paran* ‘em frente’ → /pa.ri/<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Neste documento, caracteres dos hieróglifos anatólicos serão tipografados utilizando a fonte Noto Sans Anatolian Hieroglyphs, que os representa, na maior parte dos casos, no estilo de baixo-relevo do período pós-imperial.

<sup>2</sup> Para detalhes do sistema de escrita, vide Hawkins (2000a, pp. 6ff. e pp. 23ff.) e Hawkins (2024, pp. 354ff.).

<sup>3</sup> Como no nome próprio Parita, escrito   PRAE-tá- = *Parita*- em QAL ‘AT EL MUDIQ, § 1.

**Transliteração e transcrição** Por razões de comodidade, costuma-se transliterar o texto hieroglífico no alfabeto latino e então produzir a transcrição do que se supõe ter sido a forma “corrida” do texto luviata, ao menos no quanto nós somos capazes de reconstruir as formas linguísticas subjacentes.

A convenção de transliteração para o alfabeto latino consiste em:

1. Se o sinal não tem interpretação estabelecida ou a interpretação no contexto é incerta, incluir o número do logograma conforme em [Laroche \(1960\)](#), seja com um asterisco ou um *L.* antecedendo o número
2. Se o sinal tem valor logográfico ou *rebus*, escrever o valor semântico convencional em latim, seguindo [Laroche \(1960\)](#) e letras maiúsculas.
3. Se um ou mais logogramas estão em função de *determinativo* (*vide sub*), eles são colocados entre parênteses.
4. Se o sinal tem valor fonográfico, utilizar letras minúsculas.
5. Sinais que pertencem à mesma palavra são separados por hifens.

A transcrição seguem as seguintes convenções:

1. sinais sem interpretação estabelecida ou logogramas cuja forma linguística subjacente é desconhecida, permanecem transliterados;
2. sinais logográficos com interpretação fonológica conhecida são convertidos pela palavra que representam;
3. sinais interpretados como *rebus* são convertidos pro valor fonológico;
4. os hifens são excluídos e os sinais com valor fonológico são unidos.

Como a transcrição depende da interpretação das formas linguísticas subjacentes, a conversão não é de um para um e depende de nossas suposições sobre a língua. Com frequência, diferentes autores produzem diferentes transcrições para uma mesma sequência de sinais e, quando em dúvida entre duas formas possíveis, incluem parênteses nos pontos incertos.

## 1.1 Fonogramas

Os fonogramas dos hieróglifos anatólicos representam unidades de sílabas, sendo também chamados de silabogramas. Em sua maioria, eles representam sequências de V (Vogal) e CV (Consoante Vogal), com alguns poucos representando a sequência CVCV, mas apenas quando a segunda sequência de *consoante-vogal* representa a sílaba *ra/ri*. O silabário “regular” para o período das cidades-estado neo-hititas está representado em [Figura 1](#) e [Figura 2](#) e os sinais para séries CVCV estão em [Figura 3](#).

**Fonogramas múltiplos** Sons que podem ser representadas por mais de um sinal recebem na transliteração sinais adicionais. Utilizando por exemplo o som /a/, a forma mais comum será transliterada <a>, a segunda mais comum pelo acento agudo <á> (=a<sub>2</sub>), a terceira pelo acento grave <à> (=a<sub>3</sub>) e as demais por números subscritos, como <a<sub>5</sub>>. Formas que podem ter diversas vogais são grafadas com as opções de vogal separadas por uma barra, </>.












































































		<i>a</i>	(450)			<i>i</i>	(209)			<i>u</i>	(105)
		<i>á</i>	(19)								
		<i>ha</i>	(215)			<i>hi</i>	(413)			<i>hu</i>	(307)
		<i>há</i>	(196)								
		<i>ka</i>	(434)			<i>ki</i>	(446)			<i>ku</i>	(423)
		<i>la</i>	(176)			<i>li</i>	(278)			<i>lu/a/i</i>	(445)
		<i>lá/i</i>	(172)			<i>la/i</i>	(319)				
		<i>ma</i>	(110)			<i>mi</i>	(391)			<i>mu</i>	(107)
		<i>na</i>	(35)			<i>ni</i>	(411)			<i>nu</i>	(153)
						<i>ní</i>	(214)			<i>nú</i>	(395)
		<i>pa</i>	(334)			<i>pi</i>	(66)			<i>pu</i>	(328)
		<i>ra/i</i>	(383)							<i>ru</i>	(412)
		<i>sa</i>	(415)			<i>si</i>	(174)			<i>su</i>	(370)
		<i>sá</i>	(433)								
		<i>sà</i>	(104)								
		<i>sa<sub>s</sub></i>	(327)								
		<i>ta</i>	(100)			<i>ti</i>	(90)			<i>tu</i>	(89)
		<i>tá</i>	(29)							<i>tú</i>	(325)
		<i>da</i>	(41)								
		<i>wa/i</i>	(439)								

Figura 1: Silabário regular (HAWKINS, 2024, p. 419) – Parte 1







		<i>ia</i>	(210)								
		<i>za</i>	(377)			<i>zi</i>	(376)			<i>zu</i> <sup>2</sup>	(432(2))
										<i>zú</i>	(448)
						<i>kwi/a</i>	(329)				
						<i>hwi/a</i>	(M.161)				

Figura 2: Silabário regular (HAWKINS, 2024, p. 421) – Parte 2

		<i>a + ra/i, ra + a</i>	(450 + 383)
		<i>i + ra/i, ri + i</i>	(209 + 383)
		<i>la + ra/i + a</i>	(175 + 383 + 450)
		<i>ara/i</i>	(134)
		<i>tara/i</i>	(389)
		<i>hara/i</i>	(290)
		<i>(IUDEX + ra/i) dara</i>	(371 + 383)
		<i>mara/i+(ra/i)</i>	(462, 463(3))
		(For variant forms, especially ANCOZ, see Hawkins and Morpurgo Davies, 1998)	
		<i>kar</i>	(315)



Figura 3: Fonogramas CVCV (HAWKINS, 2024, p. 422)

**Consoantes isoladas** Com esse sistema que sempre representa sequências (C)V, é impossível representar encontros consonantais e consoantes finais. Via de regra, o costume dos escribas era de grafar uma consoante qualquer X com o fonograma utilizado para grafar a sílaba /Xa/. Em português, isso tornaria as palavras *barco* e *barraco* idênticas na grafia, <ba-ra-co>, exigindo que o falante recuperasse pelo contexto e conhecimento da língua qual a forma fonológica ali representada.<sup>4</sup> Assim, para escrever *hamsukalas* “bisneto”, um escriba de MARAŞ 1 escreveu:

- (3) ...        
 ... ha ma su ka la sá  
 ... *hamsukalas* (MARAŞ 1, §1d)





Aqui, os grafemas <ma> e <sá> devem ser interpretados como as suas respectivas consoantes puras /m/ e /s/.

**L.382 \ ra/i** O silabograma para /ra/ ou /ri/ age de maneira distinta dos demais por ser uma espécie de grafema *enclítico*, ou seja, ele não pode aparecer por conta própria e sempre ocorre ‘apoiado’ em outro fonograma. Para representar uma sílaba final /ra/ ou /ri/, ele é representado apoiado em um <a> ou <i>:



- (4) a.  = a+ra/i  
 b.  = i+ra/i.




## 1.2 Logogramas

Os logogramas dos hieróglifos anatólicos representam unidades de sentido completo como palavras ou conceitos que, às vezes, podem ser interpretados pelo desenho que representam, como em (5). As palavras em *luvita* subjacentes aos logogramas só nos são conhecidas por ocasiões em que o escriba, além de utilizar o logograma, escreve também a palavra com os silabogramas da forma, como é o caso em (6).






- (5)   
 OVIS  
 -  
 ‘ovelha’ (EMİRGAZİ 1, §§19)
- (6)     
 OVIS ha wa/i  
*hawa*  
 ‘ovelha’ (KULULU l.s. 2, §§1.2–11, etc.)

<sup>4</sup> Consoantes geminadas não são representadas nos hieróglifos anatólicos.

**Forma linguística subjacente desconhecida** No entanto, não é sempre que temos essa sorte e todas as atestações de um logograma que nos chegaram o fizeram sem os complementos fonológicos, como em (7). Nesse caso, sabendo que o sinal L.104  CAPRA é utilizado também para grafar a sílaba /sa/, tanto na forma mais pictórica como na forma simplificada  e que em hitita a palavra para caprinos é *šaš(š)a*, podemos supor que a palavra subjacente ao logograma L.104 é *sasa-*. Comparações com o luvita cuneiforme e com línguas histórica e geograficamente próximas do luvita hieroglífico nos permitem elucidar as formas subjacentes que não nos chegaram grafadas, mas há casos em que é impossível alcançar qualquer suposição razoável ou satisfatória, como em (8).




- (7)  /  
CAPRA  
*sasa* ? (hit. *šaš(š)a*)  
'cabra'
- (8)   
ADORARE  
???  
'rezar?' (HISARCIK 2, § 1)

**Logograma + silabogramas** Como mencionado acima e ilustrado por (6), por vezes um logograma é seguido da palavra subjacente escrita por completo. Essa prática é comum e frequente. Além disso, alguns logogramas são seguidos de silabogramas representando apenas partes da palavra subjacente. Por vezes, como em (9), apenas a desinência flexional da palavra é escrita (i.e., as marcas de caso, gênero e número para substantivos e as de número, pessoa, tempo e modo). Em outros casos, partes além da desinência são escritas com os silabogramas enquanto outras são deixadas sem representação, como em (10), em que a primeira sílaba de /tu.wa.ta/, /tu/, é representada pelo logograma, enquanto as demais sílabas são representadas com silabogramas.


- (9)    
PONERE ha  
*tuwaha*  
'(eu) coloquei' (HAMA 4, §§7)
- (10) []    
PONERE wa/i ta  
*tuwata*  
'(ele) colocou' (BABYLON 3)












Nada exige que as sílabas que seguem um logograma sejam *contíguas* na palavra subjacente, por vezes apenas a primeira e última sílabas são representadas. A palavra para 'filho', no nominativo singular, é *nimuwizas*, como atestado pela

escrita plena (FILIUS)ni-mu-wa/i-za-sa, bastante frequente no corpus.<sup>5</sup> No entanto, em algumas inscrições, ela aparece grafada:

- (11)  C    
 FILIUS ni za sa  
*nimuwizas / nizas?*  
 ‘filho’ (HAMA 1–3, 6–7, §1)


É impossível decidir se a palavra subjacente nesse caso e em situações semelhantes é uma forma realmente abreviada na fala – que poderia muito bem ser uma forma coloquial – ou se se trata apenas de uma abreviação gráfica. Esses casos são, no entanto, raros.

**Logogramas com múltiplas leituras** Alguns logogramas servem para representar múltiplas palavras de um mesmo campo semântico. O logograma L.45  era utilizado para denotar palavras no campo semântico de ‘filho, criança, irmão’, sendo transliterada pelas palavras latinas FILIUS, INFANS e FRATER respectivamente. Nestes casos, é comum que a palavra siga escrita também em silabogramas, ao menos parcialmente:

- (12) a.  C      
 FILIUS ni mu wa/i za sa  
*nimuwizas*  
 ‘filho’ (KÖRKÜN, §1)
- b.  C   C  
 INFANS ni wa/i+ra/i ni (= INFANS.NI-wa/i+ra/i-ni-?)  
*niwarani?*  
 ‘criança (incapaz?)’ (MARAŞ 4, §14)
- c.    C  
 FRATER la i sa (= FRATER.LA-i-sa?)  
*lanis?* (≈ luv.cun. *nani(ya)*-, cf. hit. *negna*-)  
 ‘irmão’ (ALEPPO 2, §3)

Note-se que no caso de *niwarani* ‘criança’ e *lani* ‘irmão’, não podemos estabelecer certeza da forma fonológica subjacente, posto que ou não temos esses termos registrados em luvita cuneiforme, o luvita cuneiforme os registra com variações e a comparação com o hitita é inconclusiva.<sup>6</sup> O mesmo ocorre em diversos casos em que um logograma possui múltiplas leituras possíveis.”

<sup>5</sup> KÖRKÜN, §1; KARKAMIŞ A2+3, §1; TELL AHMAR 1, §13; EĞREK, §1; QAL ‘ AT EL MUDIQ, §1; HAMA 4, §1; HAMA 8, §1; HINES, §1; ŞIRZI, §1; KARKAMIŞ A11a, §1; TELL AHMAR 1, §§1, 19 (-i).

<sup>6</sup> A interpretação das formas subjacentes ao logograma L.45  como INFANS e FRATER discutida em Hawkins (1980, p. 143–6) e Yakubovic (2010, p. 387).

## 1.3 Recomendações bibliográficas

O panorama geral do sistema de escrita pode ser encontrado em [Hawkins \(2003, p. 155ff.\)](#). Uma discussão detalhada e atualizada sobre todos os sinais conhecidos e com as evidências utilizadas para sua interpretação pode ser encontrada em [Hawkins \(2024, p. 354–488\)](#). Diversos artigos sobre sinais específicos são frequentemente publicados, sendo os mais importantes [Hawkins, Morpurgo Davies e Neumann \(1974\)](#), [Rieken \(2008\)](#) e [Rieken e Yakubovich \(2010\)](#).

## 2 Fonologia

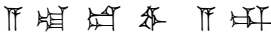

Utilizando apenas o silabário regular do luwita hieroglífico seríamos capazes de reconstruir o seguinte inventário de fonemas:

- Vogais: *a, i, u*
- Oclusivas: *p, t, k*
- Nasais: *m, n*
- Fricativas: *s, z, h*
- Outras: *r, l, w, y*

No entanto, esse inventário de fonemas não parece ser o inventário realmente utilizado pela língua.

### 2.1 Vogais

**Vogais longas** O cuneiforme utilizado para grafar o luwita cuneiforme é capaz de representar a oposição entre vogais longas e breves por meio da grafia *plena*, quando a vogal longa é representada pela adição do cuneiforme representando a vogal sem consoantes. Os escribas não se valem da escrita plena de maneira regular, mas alguns pares contrastivos, como (1), apontam para uma distinção fonêmica.


- (1) a.  **a- ad- du- wa- a- al**  
*ādduwāl*  
'mal' (88 II 11, *KBo* XXIX 9 Ro 10\*)
- b.  **a- ad- du- wa- la**  
*ādduwala*  
'males' (39 iii 26.)<sup>7</sup>

**Escrita do /a/ inicial** Por razões ainda desconhecidas, o /a/ em início de palavra com frequência aparece grafado no final da palavra, vide (2). Para deixar

<sup>7</sup> Exemplos tirados de [Melchert \(1993\)](#).



claro que este é o caso, pode-se transliterar um <a> inicial escrito em posição final com um asterisco. Essa prática parece mais comum na idade do bronze, mas não deixa de ser utilizada ao longo de todo o uso do sistema de escrita. Há ainda casos em que o /a/ em início de sentença não é grafado.

- (2)   
 sa tu a  
 \*asatu  
 ‘que ele seja’ (EMIRGAZI, §17)

## 2.2 Oclusivas

**/t/ vs. /d/** Em primeiro lugar, temos como evidência o *rotacismo* de algumas dentais em ambiente intervocálico. O rotacismo não ocorre de maneira consistente em nenhuma região geográfica ou período da língua luvita e formas com os sinais para /t/ e /r/ com frequência aparecem no mesmo texto. As formas que sofrem rotacismo são, de acordo com Morpurgo Davies (1982, p. 249–50):


1. desinências de ablativo em *-ati*: <-a-ti> e <-Ca-ra/i-(i)>.
2. desinências de terceira pessoa:
  - a) presente *-ti*: <-ti> ou <-ra/i-(i)>;
  - b) pretérito *-ta*: <-ta> ou <-ra/i>;
  - c) imperativo *-tu*: <-tu> ou <-ru>.
3. partículas enclíticas:
  - a) reflexivo / pronominal *=ti*: <-ti> ou <-ra/i-(i)>;
  - b) pronominal *=tu*: <-tu> ou <-ru>;
  - c) pronominal *=ata*: <-a-ta> ou <-a+ra/i>.
4. itens lexicais, dois deles com etimologia bem estabelecida:
  - a) <*á-ru-na*> ‘comer’ de PIE \**ed*-;
  - b) <*pa+ra/i-za*> (dat.pl., SULTANHAN, §9) de PIE \**ped*-, mas também grafado <*pa-da*> (dat.sg., SULTANHAN, §6).

Por comparação com a evidência do luvita cuneiforme<sup>8</sup> e lício e por razões tipológicas, assume-se atualmente que o rotacismo apenas incindia sobre uma consoante próxima de uma oclusiva sonora dental /d/.<sup>9</sup> Além disso, os sinais previamente considerados intercambiáveis da série /ta/, antigos <ta<sub>1-5</sub>>, deixaram de sê-lo desde o artigo de Rieken (2008), que demonstrou que <ta<sub>3</sub>> não é intercambiável com <ta<sub>1-2</sub>> e desde o artigo de Rieken e Yakubovich (2010), que demonstrou que os antigos <ta<sub>4</sub>> e <ta<sub>5</sub>> correspondem a <la/i> e <lá/i>, respectivamente.

<sup>8</sup> Em luvita cuneiforme, embora irregular, a consoante /d/ é representada pela grafia das dentais sem geminação, como *a-a-ta* /ada/ ‘ele fez’, em contraste com *a-at-ta* /ata/ (conj.+partic.).

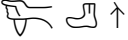
<sup>9</sup> Esse /d/ pode ter duas origens, como argumenta Morpurgo Davies (1982): 1. PIE \**d*; 2. PIE \**t* em pelo menos dois contextos: a) PIE *ŷtV* > luv.com. *ŷdV*; b) PIE *ŷCVtV* > luv.com. *ŷCVdV*; i.e., após vogais longas ou ditongos acentuados e entre vogais não acentuadas.

**/p/ vs. /b/ e /k/ vs. /g/** Por comparação com o luvita cuneiforme, cujo sistema de escrita diferencia oclusivas surdas e sonoras, ainda que os escribas não registrem a oposição de maneira sistemática ou regular, pode-se supor que o luvita diferenciava também surdas e sonoras para as oclusivas bilabiais e velares. Por vezes utiliza-se outras línguas que tiveram contato com o luvita para decidir se um sinal /CV/ representa uma C surda ou sonora, como no caso do exemplo em (3): a divindade <KuPaPa> parece corresponder à mesma divindade referida pelo assírio antigo <sup>D</sup>Ku-ba-ba, pelas formas hititas <sup>D</sup>ku-ba-ba-, <sup>D</sup>ku-pa-pa e <sup>D</sup>ku-pa-wa, hurrita e aramaico *kbb* e, talvez, pelo grego Κυβήβη.<sup>10</sup>

- (3)   
 DEUS ku pa pa  
 (DEUS)Kubaba  
 Kubaba

## 2.3 Nasais

**/n/ pré-consonantal** Uma particularidade da escrita luvita é não grafar o /n/ pré-consonantal onde ele seria esperado pela reconstrução linguística ou comparação com o luvita cuneiforme.<sup>11</sup> Em português, isso tornaria as palavras *manga* e *maga* idênticas na grafia, <ma-ga>. Para escrever a palavra para ‘pais’, grafa-se:

- (4)   
 tá ti zi  
 tatinzi (MARAŞ 1, §12)

## 2.4 Recomendações bibliográficas

Sobre a fonologia histórica do luvita em relação às demais línguas anatólicas, ver [Melchert \(1994, p. 229ff.\)](#). Para uma descrição detalhada do sistema fonológico luvita, ver [Melchert \(2003a, p. 177ff.\)](#). A tese de [Vertegaal \(2020\)](#) contém discussões sobre a grafia de dentais e vogais longas em luvita.

<sup>10</sup> Hdt. 5.102, possivelmente a forma grega foi intermediada pelo lídio *kufad* (4a4). A associação com o grego Κυβήβη (Ar. Av. 876), com o frígio (*matar*) *Kubileya* (B-01), (*matar*) *Kubeleya* (W-04) é problemática, vide [Obrador-Cursach \(2020, p. 280–1\)](#) e [Oreshko \(2021\)](#), que disputa inclusive a associação com a forma grega Κυβήβη.

<sup>11</sup> Alguns interpretam nisso um sinal de que, ao menos no dialeto das inscrições em hieróglifos, os falantes não mais produziam a consoante /n/, mas sim a nasalização da vogal anterior, o que não estaria documentado nos textos luvitas em cuneiforme por conta ou de práticas ortográficas de escribas acostumados com a ortografia cuneiforme do hitita, ou de uma diferença dialetal entre o dialeto da era do bronze e da era do ferro. Se for este o caso, o exemplo (4) representaria /ta.ĩ.tsi/.

### 3 Flexão nominal

Os substantivos, adjetivos e pronomes em *luvita* podem flexionar em gênero (Comum e Neutro), número (Singular e Plural) e caso (Nominativo, Acusativo, Genitivo, Dativo e Ablativo). Pronomes não possuem o sistema de caso completo e por vezes não possuem distinção de gênero. As desinências utilizadas na maioria dos contextos são:

	SG.		PL.
NOM. COM.	-s	NOM. COM.	-nzi
ACU. COM.	-(a)n	ACU. COM.	
NOM./ACU. NEUT.	-n, Ø	NOM./ACU. NEUT.	-a(ya)
GEN.	-(a)s, -(a)si		
DAT.	-i(ya), -a, -an	DAT.	-anza
ABL.	-ati	ABL.	-ati

Por conta das idiossincrasias do sistema de escrita hieroglífico, todas as desinências terminadas em consoantes são grafadas com o sinal correspondente à consoante C em questão na série do /a/, ou seja, <Ca>. Outras particularidades dos sistema de flexão nominal do *luvita* incluem:

- o gênero neutro não diferencia nominativo de acusativo
- os casos nominativo e acusativo neutro singular costumam ser seguidos de uma partícula -sa/za, sendo assim duplamente marcados<sup>12</sup>
- o gênero comum não diferencia nominativo de acusativo no plural
- o caso genitivo não é capaz de expressar pluralidade do possessor
- o caso genitivo compete com o adjetivos possessivos em -asa/i
- a desinência -an do dativo ocorre só em adjetivos possessivos em -asa/i
- o caso ablativo não diferencia singular de plural

#### 3.1 Substantivos

Dada a situação fragmentária da língua, não temos o paradigma completo de flexão de nenhum substantivo ou adjetivo. A tabela a seguir contém as formas para o substantivo de gênero comum *huha*- ‘avô’, suplementada onde necessário por *ziti*- ‘homem’, *hawi*- ‘ovelha’, *tarkasna/i*- ‘burro’ e *masani*- ‘deus’ e o neutro é representado por *kuwalan*- ‘exército’ e *katin(a)*- ‘vasilha’.

<sup>12</sup> É possível que essa forma tenha sido derivada do pronome demonstrativo *za*- ‘este, esta’, mas ainda não está claro em quais contextos a partícula aparece e sua história. Em cuneiforme, há uma passagem em que o valor de demonstrativo está preservado: *īzagan=za... šapiyaimman* ‘este i. está s.-ado’ Kbo 29.6 Ro 25.

	SG.	PL.
NOM. COM.	<i>huha-s</i>	<i>huha-nzi</i>
ACU. COM.	<i>huha-n</i>	
NOM./ACU. NEUT.	<i>kuwalan=za</i>	<i>katina</i>
GEN.	<i>ziti-s, hawi-si</i>	
DAT.	<i>huha</i>	<i>tarkasniy-anza</i>
ABL.	<i>huh-ati</i>	<i>masan-ati</i>

## 3.2 Adjetivos

A seguir, a declinação dos adjetivos, utilizando a forma *tati(ya)*- ‘paterno/a’, suplementado por *tarawani*- ‘justo’, *hantiya*- ‘primeiro’ e do adjetivo possessivo *lanisa*- ‘do irmão’.

	SG.	PL.
NOM. COM.	<i>tarawani-s</i>	<i>tati-nzi</i>
ACU. COM.	<i>tarawani-n</i>	
NOM./ACU. NEUT.	<i>tatiya-n=za</i>	<i>tati-ya</i>
GEN.	<i>tarawani-s</i>	
DAT.	<i>tati, lanisa-n</i>	<i>tati-nza</i>
ABL.	<i>hantiy-ari</i>	<i>tatiy-ati</i>

## 3.3 Pronomes

### 3.3.1 Pronomes pessoais

**Formas tônicas** Os pronomes pessoais tônicos – também chamados de ortônicos – não possuem formas de genitivo e seu paradigma é bastante incompleto. A terceira pessoa não possui um pronome pessoal dedicado, sendo utilizado o demonstrativo *apa*- ‘aquele’ no lugar.

	1SG.	1PL.	2SG.	2PL.
NOM.	<i>amu</i>	<i>anzunz(a)</i>	<i>ti</i>	<i>unzunz(a), unzuns(a)</i>
ACU.	<i>amu</i>	?	<i>tu</i>	?
DAT.	<i>amu</i>	?	<i>tu</i>	?
ABL.	?	?	<i>tuwati</i>	<i>unzati</i>

Alguns detalhes sobre as formas tônicas dos pronomes pessoais:

- *amu* pode ser grafado *mu* por aférese
- *tuwati* e *unzati* podem ser formas de possessivos

- o silabograma para <zu>, L.432  $\overline{w}$ , das formas plurais tem leitura disputada, sobretudo para os textos da idade do ferro, Yakubovich (2010, p. 65–68) propõe <za<sub>x</sub>>.

**Formas clíticas** Os pronomes pessoais também possuem formas átonas que se comportam de maneira clítica (apoiados fonologicamente na primeira palavra da sentença). Estes pronomes não diferenciam caso, são utilizados no lugar de nominativos, acusativos e dativos e por vezes aparecem junto da forma tônica.

	1SG.	1PL.	2SG.	2PL.
NOM./ACU./DAT.	= <i>mu</i>	= <i>anza</i>	= <i>tu</i> , = <i>ti</i>	= <i>manza</i>

**Clíticos de terceira pessoa** A terceira pessoa possui uma série de clíticos próprios com distinção de caso em parte do paradigma:

	3SG.	3PL.
NOM.COM.	= <i>as</i>	= <i>ata</i>
ACU.COM.	= <i>an</i>	= <i>ata</i>
NOM./ACU.NEUT.	= <i>ata</i>	= <i>ata</i>
DAT.	= <i>tu</i>	= <i>manza</i>

**Pronomes reflexivos** Todas as formas de pronomes reflexivos são enclíticas.

1SG.	1PL.	2SG.	2PL.	3SG.	3PL.
= <i>mi</i>	= <i>anza</i>	= <i>ti</i>	= <i>manza</i>	= <i>ti</i>	= <i>manza</i>

### 3.3.2 Possessivos

### 3.3.3 Demonstrativos

As formas dos pronomes demonstrativos são *za-* ‘esse, este’ e *apa/i-* ‘aquele’. Formas adverbiais também são formadas a partir dos temas dos demonstrativos, como *zati* ‘aqui’ e *apati* ‘ali’.

### za- ‘esse/este’

	SG.	PL.
NOM. COM.	<i>zas</i>	
ACU. COM.	<i>zan</i>	<i>zanzi</i>
NOM./ACU.NEUT.	<i>za</i>	<i>zaya</i>
GEN.	<i>zas, zasi</i>	
DAT.	<i>zati</i>	<i>zatanza, zatiyanza</i>
ABL.	<i>zin</i>	

### apa- ‘aquele’

	SG.	PL.
NOM. COM.	<i>apas, apis</i>	<i>apanzi,</i>
ACU. COM.	<i>apan, apin</i>	<i>apinzi</i>
NOM./ACU.NEUT.	<i>apa</i>	<i>apaya</i>
GEN.	<i>apas, apasi</i>	
DAT.	<i>apati</i>	<i>apatanza</i>
ABL.	<i>apin</i>	

### 3.3.4 Pronome interrogativo e relativo

A forma *kwi/a-* é sempre escrita com o logograma L.329 𐌶 REL e é utilizado tanto com o valor relativo como com o valor interrogativo. O redobro, *kwis kwis* ou *kwis ima kwis*, é utilizado para dar o sentido ‘quem quer que’, também produzido pela forma indefinida *kwis=ha*.

	SG.	PL.
NOM. COM.	<i>kwis</i>	<i>kwinzi</i>
ACU. COM.	<i>kwin</i>	
NOM./ACU.NEUT.	<i>kwa(n)=za</i>	<i>kwaya</i>
DAT.	<i>kwati</i>	<i>kwatanza</i>
ABL.	<i>?</i>	

Derivados desse pronome são:

- advérbios *kwitan* ‘onde (quer que)’ e *kwipa* ‘de fato’
- as conjunções:
  - *kwari* ‘porque, uma vez que, como, se, quando’
  - *kwati* ‘se, de modo que’
  - *kwa(n)za* ‘uma vez que, porque, embora’
  - *kwi* ‘muito embora, enquanto’

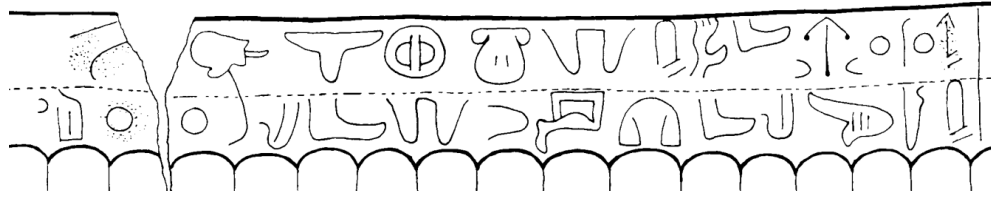
## 4 Leitura: BABYLON 3









Trata-se de um vaso em estado fragmentário (Figura 4) escavado por Koldewey na década de 20 onde se acredita ser a cidade de Babilônia, sítio arqueológico de Arpada, noroeste de Alepo, contendo uma inscrição no beiral em cursivas de baixo relevo, sentido sinistroverso, em duas linhas a serem lidas em conjunto (para cada coluna, lê-se o caractere na primeira linha, em seguida o da segunda linha e assim sucessivamente). A inscrição, embora escavada na Babilônia, provavelmente teria sido produzida em Alepo e lá dedicada ao deus do trovão Tarhuntha da cidade, o que é indicado pelo epíteto 𐎲𐎠𐎵𐎶 TONITRUS.HALPA-pa-ni = *halpa(wa)ni* ‘halabeu’, desde o período imperial, a combinação dos logogramas L.199+L.84 / 85 𐎲𐎠𐎵𐎶/𐎶 TONITRUS+CRUS<sub>2</sub> / GENUFLECTERE via de regra denota a cidade de Halab.<sup>13</sup> A data de produção é incerta, mas deve cair entre o século IX e VIII AEC.



Figura 4: Babylon 3. Diâmetro: 0.66m.; Profundidade (interna): 0.67m. Imagens produzidas e traçado feito por Hawkins (2000b, plate 212). Atualmente no Vorderasiatisches Museum, Berlin, no. VA Bab. 1507.

<sup>13</sup> Com L.84 CRUS<sub>2</sub> 𐎶: ALEPPO 5; NIŞANTEPE 2, no. 57; İMAMKULU. Com L.85 GENUFLECTERE 𐎶: ALEPPO 6; TELL AHMAR 5; KÖRKÜN; BABYLON 1; BABYLON 3; HAMA 1. Também nomes próprios de figuras associadas a Halab são grafados com essa combinação, como Halparuntiya em MARAŞ 1 TONITRUS.HALPA-pa-ru-ti(-i)-ia-.



- (1)     
 za-ia-wa/i-a “SCALPRUM”-ka-ti-na CERVUS<sub>2</sub>-ti-ia-sa  
    
 TONITRUS.HALPA-pa-ni DEUS.TONITRUS-hu-ti PRAE-na  
   
 [PONERE]-wa/i-ta

zaya=wa katin(a) Runtiyas halpawani Tarhu(n)ti paran tuwa-ta

- (2) zaya=wa katin(a) Runtiyas halpawani Tarhu(n)ti  
 DET.ACU. vasilha.NEUT.ACU. R.COM.NOM. halabeu.DAT. T.DAT.  
 paran tuwata  
 PREP. colocar-3SG.  
 Este vaso Runtiya dedicou ao Tarhunta halabeu.

### Vocabulário

kati- (subst. NEUT.) vaso, vasilha

Runtiya- (nome próprio. COM.) Runtiya

halpawan- (adj.) proveniente de Halpa; halabeu

Tarhu(n)t- (nome próprio, teônimo) Tarhunta

paran (PREP.) em frente a

tuwa- (v.) colocar



## Referências

- HAWKINS, J. D. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume I: Inscriptions of the Iron Age. Part 1: Text. Introduction, Karatepe, Karkamiš, Tell Ahmar, Maraş, Malatya, Commagene*. Berlin: De Gruyter, 2000a.
- HAWKINS, J. D. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume I: Inscriptions of the Iron Age. Part 3: Plates*. Berlin: De Gruyter, 2000b.
- HAWKINS, J. D. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume III: Inscriptions of the Hittite Empire and New Inscriptions of the Iron Age*. Berlin: De Gruyter, 2024.
- HAWKINS, J. D. Scripts and Texts. In: *The Luwians*. Edição: H. Craig Melchert. Leiden: Brill, 2003. P. 128–169. (Handbook of Oriental Studies. Section 1: The Near and Middle East).
- HAWKINS, J. D. The “Autobiography of Ariyahinas’s Son”: an Edition of the Hieroglyphic Luwian Stelae Tell Ahmar 1 and Aleppo 2. *Anatolian Studies*, v. 30, p. 139–156, 1980.
- HAWKINS, J. D.; MORPURGO DAVIES, A.; NEUMANN, G. *Hittite Hieroglyphs and Luwian: New Evidence for the Connection*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1974. (Nachrichten der Akademie der Wissenschaften in Göttingen, 6).
- LAROCHE, E. *Les hiéroglyphes hittites*. Paris, 1960.
- MELCHERT, H. C. *Anatolian Historical Phonology*. Leiden: Brill, 1994. (Leiden Studien in Indo-European, 3).
- MELCHERT, H. C. *Cuneiform Luvian Lexicon*. Chapel Hill, N.C., 1993. (Lexica Anatolica, 2).
- MELCHERT, H. C. Language. In: *The Luwians*. Edição: H. Craig Melchert. Leiden: Brill, 2003a. P. 170–210. (Handbook of Oriental Studies. Section 1: The Near and Middle East).
- MELCHERT, H. C. (Ed.). *The Luwians*. Leiden: Brill, 2003b. (Handbook of Oriental Studies. Section 1: The Near and Middle East).
- MORPURGO DAVIES, A. Dentals, Rhotacism and Verbal Endings in the Luwian Languages. *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung*, Vandenhoeck & Ruprecht (GmbH & Co. KG), v. 96, n. 2, p. 245–270, 1982. Acesso em: 24 jun. 2024.
- OBRADOR-CURSACH, B. *The Phrygian Language*. Leiden: Brill, 2020. (Handbook of Oriental Studies. Section 1: The Near and Middle East).
- ORESHKO, R. In Search of the Holy Cube Roots: Kubaba — Kubeleya — Κῦβε-βος — Kufaws and the Problem of Ethnocultural Contact in Early Iron Age Anatolia. In: *Linguistic and Cultural Interactions between Greece and Anatolia: In Search of the Golden Fleece*. Edição: Michele Bianconi. Leiden: Brill, 2021. P. 131–166. (Culture and History of Ancient Near East, 122).

- RIEKEN, E. Die Zeichen <ta>, <tá> und <tà> in den hieroglyphen- luwischen Inschriften der Nachgroßreichszeit. de. *Studi Micenei ed Egeo-Anatolici*, v. 50, 2008.
- RIEKEN, E.; YAKUBOVICH, I. (Ed.). The new values of luwian signs L 319 and L 172. In: SINGER, I. *ipamati kistamati pari tumatimis: Luwian and Hittite studies presented to J. David Hawkins on the occasion of his 70th birthday*. Tel Aviv: Emery e Claire Yass Publications in Archeology, 2010. P. 199–219.
- VERTEGAAL, A. *Voices in Stone: Studies in Luwian Historical Phonology*. 2020. Tese (Doutorado) – Netherlands Graduate School of Linguistics, Amsterdam.
- YAKUBOVIC, I. (Ed.). The West Semitic God El in Anatolian Hieroglyphic Transmission. In: COHEN, Y.; GILAN, A.; MILLER, J. L. *Pax Hethitica: Studies on the Hittites and their Neighbours in Honour of Itamar Singer*. Wiesbaden: Harrasowitz Verlag, 2010. P. 385–398. (Studien zu den Boğazköy-Texten, 51).
- YAKUBOVICH, I. *Sociolinguistics of the Luwian Language*. Leiden: Brill, 2010.